TCC/UNICAMP
R582p
1816 FEF/390

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

PEDAGOGIA DO ESPORTE: A INICIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ESPORTIVO E O TREINAMENTO DE LONGO PRAZO.

REFLEXÕES TEÓRICAS ACERCA DOS TEMAS

AUTOR: JOÃO RENATO GALLO VIEIRA DA ROCHA
ORIENTADOR: PROF. DR. PAULO CESAR MONTAGNER

CAMPINAS
2004

TCC/UNICAMP
R582p
1290001816

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

PEDAGOGIA DO ESPORTE: A INICIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ESPORTIVO E O TREINAMENTO DE LONGO PRAZO.

REFLEXÕES TEÓRICAS ACERCA DOS TEMAS

CAMPINAS
2004

A minha amada avó,

Maria De Lourdes Vieira da Rocha

"A imaginação, o sentimento, o novo, o imprevisto que surge do espírito desenvolvido é proibido pra eles, cabeças fechadas, cérebros obtusos, eternamente negados a luz"

Camille Claudel

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus pela iluminação e proteção na conclusão deste trabalho, como em toda minha existência.

Agradeço também a meus pais Paulo Marcio Vieira da Rocha e Ana Lucia Gallo Vieira da Rocha pelo empenho realizado ao longo de todos estes anos. Amo e me orgulho muito de vocês.

Agradecimentos também à minha amada avó Maria de Lourdes Vieira da Rocha. Muito obrigado por cada palavra de apoio e incentivo, por cada refeição partilhada e pela guarida ofertada no início de meu curso. A senhora foi, tem sido e, Deus permita por muito tempo, será sempre muito importante para mim. "A senhora é uma rainha..."

À minha madrinha Heloisa Vieira da Rocha, referência para mim, muito obrigado. Suas intervenções nas questões de minha vida sempre foram muito pertinentes e bem quistas. Ter uma mãe é bom, duas então...

Mariana da Rocha Correa Silva, minha prima, amiga e confidente. Seus estímulos e torcida me foram essências. É muito bom viver e saber que ao meu lado existe uma pessoa como você. Gratidão sem fim por estar sempre comigo.

A meus irmãos Gustavo Guilherme Gallo Vieira da Rocha e Paulo Roberto Gallo Vieira da Rocha, cujas ausências são muito sentidas, "valeu" por sempre estarem a olhar por mim. O que é nosso "tá" guardado....

A meus amigos de faculdade, em especial para o Pedro, vulgo "Lemão", e o Ricardo, vulgo "Nisay", muitos agradecimentos e orgulho por cada papo e discussão acerca da Educação Física e do mundo. Minha formação não seria a mesma sem vocês...

Agradecimentos a todos meus alunos de capoeira e futebol. Sem a troca que sempre resulta em ensinamentos recíprocos, minha formação não seria completa. Muito obrigado por "suportarem" minhas aulas e piadas, sei que não é fácil....

Jessé Freitas e Gustavo Spinelli, respectivamente "Neguinho" e "Incrível Gulk", meus irmãos de fé, sempre juntos e na batalha.... "Valeu" pela confiança e amizade.... "Salve trio ternura..."

Agradecimentos também a todos que, direta ou indiretamente, participaram de minha vida, sem vocês eu não teria história....

Por fim, meus agradecimentos a meu orientador Paulo César Montagner, cujo apoio, incentivo e amizade foram de vital importância para o desenvolvimento deste trabalho. "Valeu".

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO, 1.

2. PEDAGOGIA DA INICIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ESPORTIVO: CONSIDERAÇÕES GERAIS, 9.

3. PEDAGOGIA DO ESPORTE E TREINAMENTO DE LONGO PRAZO: PREOCUPAÇÕES E OBJETIVOS, 17.

4. FATORES INFLUENCIADORES NO PROCESSO DE INICIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ESPORTIVO: CONSIDERAÇÕES GERAIS, 34.

5. CONCLUSÃO, 38.

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE DE TABELAS, GRÁFICOS E FIGURAS

- FIGURA 1.1: Modelo físico do esporte de rendimento, p. 04.
- FIGURA 1.2: Modelo Físico do TLP, p. 06.
- FIGURA 1.3: Modelo físico da pedagogia da iniciação e desenvolvimento esportivo, p. 07.
- TABELA 2.1: Comparação entre a especialização precoce e o desenvolvimento multilateral (Bompa, 2002, p. 05), p. 20.
- FIGURA 2.1: Proporção entre o desenvolvimento multilateral e o treinamento especializado para várias idades. (Bompa, 2002, p. 07), p. 21.
- FIGURA 2.2: Periodização de treinamento a longo prazo. (Bompa, 2002, p. 26), p. 23.
- QUADRO 2.1 Níveis de desenvolvimento de Piaget para a prática e consciência das regras (Ferraz, 2002, p. 30), p. 28.
- TABELA 2.2: Estágios da idade anatômica (BOMPA, 2002, pp 13), p. 30.
- TABELA 4.1: O conceito de esporte (Tani, 1996; apud Tani & Mmanoel, 2004), p. 40.
- TABELA 4.2: Esporte de rendimento X TLP (adaptado de Tani, 1996), p. 42.
- TABELA 4.2: Pedagogia da iniciação e desenvolvimento esportivo (PIDE) X TLP (adaptado de Tani, 1996), p. 43 e 44.
- FIGURA 4.1 Modelo físico das diferenças e semelhanças entre TLP e PIDE, p. 45.
- FIGURA 4.2 Sobreposição TLP e PIDE, p. 46.

INTRODUÇÃO

Quem nunca viu ou viveu um campeonato infantil? Quem nunca ouviu o alarido provocado pelos pais e familiares ao verem seus filhos em quadra ou campo correndo atrás de uma bola ou *puck*[1]? E a guerra dos técnicos? Quantos desses profissionais já não "perderam a cabeça" com os erros cometidos por seus atletas crianças e adolescentes! Fisher (2002) mostra que a linguagem do esporte competitivo é diretamente ligada com metáforas de guerras e batalhas, palavras como conquista, batalha, morte, destruição, vitória, a contenda envolvendo a virilidade, a honra e o prestígio fazem parte de tal acervo, embora não devam ser absolutamente promovidas.

No ano e meio que estagiei em um clube de Campinas como auxiliar técnico de futebol de campo (nas categorias pré-mini, mini, pré-mirim e infantil - chupetinha, fraldinha, dentinho e infantil), vi inúmeras vezes os fatos relacionados acima ocorrendo nas competições em que participávamos.

Em uma destas experiências, um atleta do pré-mirim, dos mais habilidosos da equipe, levou seus pais e tia para assistirem a um jogo do campeonato que o clube participava naquele ano. O pai e a tia pareciam técnico e auxiliar do garoto, bradando "incentivos" e "orientações" do lado de fora do campo. Para confusão maior do menino, havia ainda as orientações dadas por mim e pelo professor (neste dia, nervoso por ser um jogo importante para uma boa colocação do clube na competição).

O resultado não poderia ser outro[2]: o atleta mirim perdeu-se na vozearia, cometeu erros que normalmente não cometeria e jogou mal, mesmo esforçando-se ao máximo para

[1] Disco utilizado no hokey de gelo ou em linha.
[2] Resultado obtido através da observação do episódio, portanto subjetivo.

não errar. Sentiu-se triste e frustrado por não apresentar um bom futebol para sua família, si próprio e seu time, que perdeu, não por culpa sua, o que foi difícil de convencê-lo posteriormente.

Este tipo de estresse físico e psicológico, além de demonstrar o despreparo da criança e/ou jovem para enfrentar uma situação competitiva tão complexa (De Rose Jr, 2002), traz efeitos negativos para as crianças e os adolescentes, podendo prejudicar o crescimento dos mesmos e conduzi-los ao desinteresse e abandono precoce do esporte antes do desenvolvimento total dos talentos. (Bompa, 2002).

A esse respeito, Bento (1989) argumenta que as práticas desportivas de crianças e adolescentes não devem ser restringidas apenas a torneios e campeonatos, principalmente quando estes são moldados a partir da prática desportiva adulta. Para o autor, a simples prática do desporto não basta para o desenvolvimento dos jovens praticantes, sendo, então, necessário que as atividades sejam planejadas e empregadas num enquadramento de condições, conteúdos e valores, legitimados tanto educativa quanto socialmente.

Ou seja, tanto a prática quanto as competições esportivas destinadas para as crianças e jovens devem ser analisadas e construídas através destes, imersos na experiência e não sob a perspectiva do adulto (Ferraz, 2002).

Portanto, a competição não é o único fator pertinente no processo de iniciação e desenvolvimento esportivo. O processo em si, constituído por suas sessões de treinos, aulas exercícios, métodos e práticas também é importante, como vemos em Korsakas (2002), onde é mostrado que ao aprofundarmos nosso olhar para além do momento da competição, teremos revelado:

> *"[...] crianças submetidas a "peneiras" para a seleção da equipe e a sessões de treinamento exaustivas,*

muitas vezes incompatíveis com a continuação dos estudos".
(2002, pp 40).

A autora diz também ser comum encontrarmos nas chamadas categorias de base características do esporte de rendimento como técnicos maltratando seus "atletas" por erros cometidos, pais xingando árbitros e frases agressivas entoadas pelas torcidas.

Referendando esta situação, Kunz (1994) apresenta em seu estudo, refletindo o momento vivido pela iniciação e desenvolvimento esportivo, que crianças e jovens são expostos a atividades e práticas sistemáticas e complexas, desde antes da fase pubertária, objetivando a melhoria de resultados desde seu início. Para o autor, esta prematura introdução ao mundo do esporte competitivo acaba culminando em uma série de complicações na vida futura do praticante, dentre as quais problemas de ordem psíquica como dito por Nitsch (citado por Kunz, 1994).

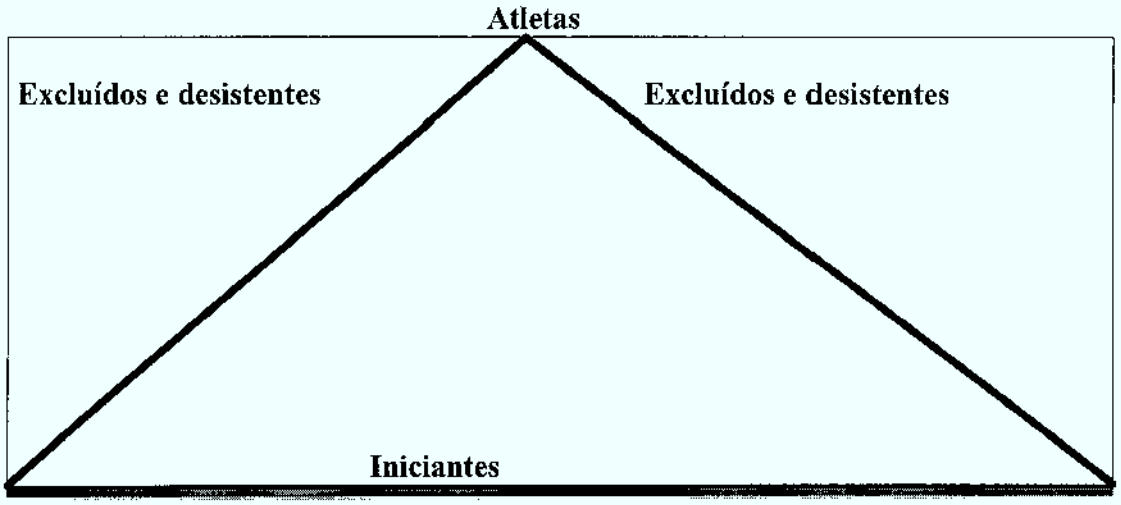
O "atleta precoce" sofre o risco constante de desilusões e/ou fracassos, sentindo-se muitas vezes sem talento para a prática de determinada modalidade. Segundo o citado Nitsch, estes traumas quando manifestados se agravam gradativamente, chegando a ponto de fazer a criança ser, ou se sentir, excluída do mundo esportivo.

Para Kunz (1994), este fanatismo por resultados imediatos, cada vez maiores e mais precoces se explica pelo grau de "comercialização" que os mesmos atingem. Fomentados pela "cobiça nacional por medalhas olímpicas", entre outros motivos, a indústria cultural esportiva e os meios de comunicação em massa estimulam, segundo o autor, esta produção de jovens recordistas, demonstrando este ser o caminho a ser seguido para a criação de uma potência esportiva.

Portanto, temos configurado um quadro onde cada vez mais crianças e jovens procuram a iniciação esportiva, construindo uma base ampla, que se estreita ao passar dos

anos, culminado em uma ponta estreita, acessível para poucos, como vemos na figura a seguir:

FIGURA 1.1 Modelo físico do esporte de rendimento



Tal estreitamento se deve, como visto, aos níveis de cobranças exigidos das crianças e adolescentes quando imersos no processo de iniciação e desenvolvimento esportivo. Estes muitas vezes buscam tal processo visando a simples atividade física, mas acabam expostos a programas de treinamento especializados e complexos. Com isso, o abandono precoce da prática esportiva não é fato raro como veremos no decorrer deste trabalho, e isto é visto na figura 1.1, pois muitos principiam, mas poucos se tornam atletas de fato.

Objetivando maximizar o resultado deste processo de formação esportiva, alguns autores mais ligados às teorias do treinamento desportivo, dentre os quais Bompa (2002), Gomes (2002) e Böhme (2002), apresentaram a teoria do treinamento a longo prazo. Suas diretrizes, preocupações e objetivos serão discutidos mais à frente neste trabalho. No

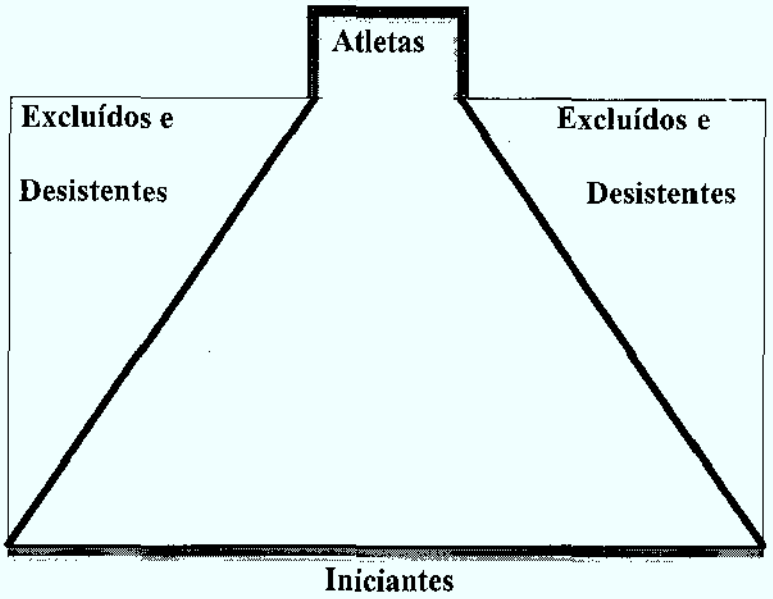
presente momento cabe apresentar a visão do técnico ou preparador físico envolvido neste processo de pedagogia do esporte.

Para estes profissionais, a importância da preparação do atleta continua, já a ambição por recordistas mirins não. Ou seja, eles se mostram mais interessados nos resultados em longo prazo do que na máxima performance a curto prazo. Como veremos, a metodologia empregada nesta teoria aproxima gradativamente o jovem praticante do mundo do esporte competitivo, minimizando assim o abandono precoce do esporte, evidenciado no processo anteriormente descrito, mais comumente empregado.

Com isso, a transformação da criança/adolescente, ou jovem atleta, em atleta maduro se torna mais amena e menos traumática, possibilitando assim que um maior número de praticantes alcancem o alto desempenho. Sendo assim, como apresentado na figura 1.2, o pico deste processo de formação de atletas deixa de ser estreito, tendo então a forma de um funil invertido. Embora esta teoria tenha conseguido ampliar o ápice da pirâmide, ela ainda se mostra falha no aproveitamento total dos praticantes.

A área da pedagogia da iniciação e desenvolvimento esportivo também demonstrou inquietações referentes a algumas das situações apresentadas acima como corriqueiras no processo em questão. Novamente não cabe a esta parte do trabalho elucidações referentes a tal área de estudo, que serão feitas mais adiante, resguardando-se este momento então, a simples apresentação da visão do pedagogo em esportes no referido sistema de formação esportiva.

FIGURA 1.2 Modelo Físico do TLP



Para este profissional, faz-se importante a realização dos objetivos almejados pelos praticantes ao procurarem as praticas desportivas. A inclusão é buscada de maneira integral, oferecendo atividades que tragam benefícios a todos. Com isso minimizam-se traumas, lesões, desilusões e o conseqüente abandono precoce do esporte.

Como não se objetiva o atleta de alto nível, cabendo ao praticante buscar caminhos que o levem a tal fim, seu modelo físico, como vemos na figura 1.3, tende mais ao quadrado que a pirâmide ou o funil. O resultado encontrado pelo professor que segue tal linha de atuação é a transformação da criança e adolescente em adulto praticante de esportes. Os atletas que por um acaso venham a ser reconhecidos acabam participando, ao longo de sua formação, de processos de treinamento mais organizados.

Aparentemente há uma dicotomia entre a teoria do treinamento de longo prazo e a linha de atuação da pedagogia da iniciação e desenvolvimento esportivo, visto que os escopos pretendidos não são os mesmos. Mas será que uma linha de trabalho realmente exclui a outra?

FIGURA 1.3 Modelo físico da pedagogia da iniciação e desenvolvimento esportivo

Sendo assim, faz-se intento deste trabalho a análise do processo de iniciação e desenvolvimento esportivo aplicados a crianças e jovens, como também seus agentes influenciadores.

Em seu primeiro momento, o estudo apresentará as preocupações existentes na pedagogia da iniciação e desenvolvimento esportivo quanto ao processo citado, buscando explanar, de maneira geral, suas diretrizes e conceitos, evidenciando sua inquietação:

> *"[...] na busca por uma pedagogia que dê conta de lidar com o esporte respeitando seus diferentes significados e funções"*, visualizando-o *"[...] não mais como uma prática exclusiva para atletas e talentos, mas como uma alternativa para todos os cidadãos"*. (Paes, 2002, pp 89).

Num segundo momento será apresentado o conceito de treinamento de longo prazo, o TLP, com suas diretrizes, objetivos e preocupações referentes ao processo discutido neste trabalho. Encontrar-se-á em pauta que:

> *"Um trabalho de treinamento a longo prazo (TLP) bem-planejado e bem-realizado poderá contribuir de forma efetiva para que os jovens atletas tenham condições, dentro da modalidade esportiva pela qual optarem, de apresentar os seus melhores resultados nas idades adequadas para os mesmos. Desse modo, poderão, de acordo com suas condições pessoais e do meio social em que vivem, apresentar o seu melhor desempenho esportivo"*. (Böhme, 2002, pp 109).

O terceiro momento será composto pela apresentação dos fatores influenciadores, sejam eles diretos ou indiretos, na busca da iniciação esportiva, bem como em suas práticas. Conceitos como mídia, esporte espetáculo e marketing serão aqui discutidos de maneira ampla, objetivando uma melhor explanação da atual situação encontrada por profissionais que trabalham ou venham a trabalhar, como os que pesquisam ou venham a pesquisar esta área de atuação profissional.

O quarto, e último, momento do estudo será responsável pela conclusão e considerações gerais acerca do tema. O propósito aqui encontrado será o de diálogo dos conceitos de pedagogia da iniciação e desenvolvimento esportivo e do processo de treinamento de longo prazo, avaliando se identificam um mesmo caminho a ser percorrido ou se seguem caminhos contrários. Para tanto, além de simples comparação de conceitos, buscaremos demonstrar como ambos interagem com os fatores influenciadores apresentados no terceiro momento do estudo.

PARTE 1: PEDAGOGIA DA INICIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ESPORTIVO: CONSIDERAÇÕES GERAIS

Esta parte do trabalho explanará de maneira geral o processo de iniciação e desenvolvimento esportivo apresentado por Paes (1996, 2002). Para tanto serão utilizados autores como Ferraz (2002), Simões (2002), De Rose Jr. (2002), Montagner (1993 e 2001), Freire (1998), Castellani Fillho (1998) e o próprio Paes (1996 e 2002).

É evidente que hoje no Brasil o esporte está cada vez mais presente na vida das pessoas, em especial crianças e adolescentes, fato este, comprovado pelo aumento significativo de alunos e turmas de iniciação esportiva em clubes e escolas, como também em muitos trabalhos publicados sobre o assunto, como veremos. Quais seriam as razões para isso?

As explicações encontradas são muitas. Ferraz (2002) aponta o atual crescimento nos pais da consciência e desejo de iniciar os filhos na prática esportiva. O justifica pela crença na melhoria das condições de saúde e do rendimento escolar. Para o autor, a primeira justificativa fundamenta-se na valorização da atividade física como instrumento para obtenção de uma melhor qualidade de vida a partir de uma melhor condição de saúde emocional e orgânica. A segunda é sustentada pela aquisição de regras de conduta, disciplina, normas de comportamento e de valores sociais que fundamentam nossa cultura, sendo estes adquiridos e/ou reforçados pelas práticas desportivas. A busca por uma personalidade perseverante, cooperativa, disciplinada e competitiva também é fator levantado por ele como justificativa para o crescimento da procura, pelas crianças e adolescentes, por iniciação esportiva.

Simões (2002), referendando o proposto acima, acredita que o esporte de competição infantil favoreça o desenvolvimento da sociabilidade, de atitudes grupais solidárias, comportamentos gregários e coloca o esporte como *"... um dos fenômenos mais notáveis da sociedade moderna"* (Simões, 2002, pp51).

De Rose Jr. (2002, pp68) vê a prática esportiva como *"[...] fenômeno social e cultural"*, movimentando, assim, um número muito grande de pessoas, informações e valores.

Desta maneira, percebemos que a prática esportiva vem atrelada a uma série de expectativas, valores e crenças, com conseqüências incontestáveis, mas, nem sempre desejáveis, como veremos mais adiante. Analisemos a seguinte citação:

> *"A riqueza do esporte está na sua diversidade de significados e re-significados, podendo, entre outras funções, atuar como facilitador na busca da melhor qualidade de vida do ser humano, em todos os segmentos da sociedade. Entretanto, é preciso ter preocupação para com um assunto tão abrangente, pois a falta de definições claras quanto a alguns aspectos pedagógicos, sobretudo quanto aos objetivos, poderá culminar em equívocos, sendo o mais comum deles a cobrança inerente ao esporte profissional, ou seja, a busca por uma performance atlética em práticas esportivas com outros significados".* (Paes, 2002, pp 90)

Podemos ver que o esporte é, de fato, um fenômeno sociocultural de múltiplas possibilidades (Paes, 2002), trazendo consigo uma serie de valores, expectativas e crenças que são, na maioria das vezes, os objetivos buscados por quem procura sua prática. Mas, colocar como certo a prática esportiva atrelada a tais conseqüências de sua prática - citadas anteriormente neste trabalho - pode significar em um erro de julgamento. Afirma Paes (2002), *"... a falta de definições claras quanto a alguns aspectos pedagógicos, [...] poderá culminar em equívocos, [...]"*, não possibilitando, assim, para o praticante, o cumprimento de seus objetivos pré-estabelecidos. Ou seja, se a prática for executada de maneira negligente

com os reais conteúdos do esporte, sem planejamento ou respeito às fases do desenvolvimento de seus integrantes, entre outros fatores, dificilmente conseguiremos atingir excelência nos resultados acima apresentados como conseqüência da pratica esportiva.

Sendo assim, torna-se necessário estruturar uma proposta pedagógica para ensinar o esporte, levando-se em conta os seguintes questionamentos:

> *"Qual modalidade a ser ensinada? Em que cenário? Quais os personagens desta prática? E, por fim, quais os seus significados?"* (Paes, 2002).

Com as respostas conseguiremos, então, dar um tratamento pedagógico ao esporte.

Para alicerçar esta proposta pedagógica, leva-se em consideração dois pontos relevantes: o trabalho com o aluno dos aspectos técnicos da modalidade escolhida, e a importância de intervir, junto a ele, quanto a aspectos relativos a valores e modos de comportamento (Paes, 2002).

Paes (2002) também aponta como fundamental, para uma boa estrutura pedagógica, o equilíbrio e a harmonia entre estes aspectos. Concordando, Montagner; Scaglia; Souza (2001) , também demonstram preocupação com este equilíbrio, na medida em que consideram não ser mais papel da pedagogia do esporte:

> *"[...] 'entulhar' o aluno apenas de conhecimentos técnicos sem uma correspondente reflexão, focados no desempenho de destrezas, sem permitir a ele o desenvolvimento de uma capacidade crítica sobre o conteúdo ensinado"*. (Montagner; Scaglia; Souza, 2001)

O técnico esportivo, formador de atletas jovens e adolescentes, deve tomar postura de educador, sendo, então, como dito por Montagner (1993), incluído na categoria de pedagogo. Não pode preocupar-se apenas com os aspectos técnicos, táticos ou físicos ao ensinar um esporte, mas, também com a aquisição de hábitos e condutas motoras

(ampliando-se o repertório motor), com o entendimento do esporte como um fator cultural (conseqüentemente, humano), com o estimulo e desenvolvimento de sentimentos de solidariedade, cooperação, autonomia e criatividade, assim como no resgate e difusão de valores éticos, sociais e morais por parte da criança e/ou adolescente (Castellani Filho, 1998).

Curiosidade em aprender é parte integrante da natureza da criança, o que, muitas vezes, reflete o objetivo momentâneo na busca pela iniciação esportiva (acertar uma cesta, fazer um gol ou dar um saque, por exemplo). Isso faz com que os aspectos técnicos, táticos e físicos da pedagogia do esporte tornem-se o foco do processo de iniciação esportiva (Paes, 2002). Por isso, se a atenção dos pedagogos esportivos não se voltar para o aspecto educacional do processo, erros de estruturação do programa de treinos ou aulas poderão ocorrer, como conseqüência do não cumprimento do equilíbrio necessário entre os fatores táticos, técnicos e físicos com os fatores educacionais.

Paes (2002) apresenta dois referenciais norteadores de uma estrutura pedagógica balanceada e equilibrada: o referencial metodológico e o referencial socioeducativo.

Para ele, o primeiro deve responder a três questões: *"o que ensinar? Quando ensinar? Como ensinar?"* (pp. 91). Já o referencial socioeducativo deve responder a uma única, porem aberta, questão: *"Em que medida o esporte poderá contribuir junto ao processo educacional do ser humano?"* (pp. 91).

Com a preocupação quanto a estes questionamentos, o autor acredita que o equilíbrio e a harmonia entre os fatores supracitados serão alcançados sem dificuldades. Possuir princípios básicos, balizadores do trabalho a ser desenvolvido, é, para Freire (1998), papel do pedagogo em esportes. Devera ter em mente sempre:

1) Ensinar esportes;

2) Ensinar esportes bem a todos;

3) Ensinar mais que esporte bem a todos;

4) Ensinar a gostar de esportes;

Os princípios 1, 3 e 4, ajudam a compor o equilíbrio e a harmonia entre os fatores anteriormente citados, necessários à uma estruturação ampla e adequada do planejamento pedagógico das atividades constituintes da iniciação esportiva.

Já o segundo princípio apresentado, *"ensinar esporte bem a todos"*, nos remete a outro fator de inegável relevância: a não exclusão.

Comprovando a importância da inclusão esportiva, Paes (1996) considerou como sendo papel da pedagogia do esporte observar e focar sua atenção para maiorias. Não privilegiar, assim, somente a minoria possuidora de talentos para as práticas competitivas, reconhecendo, então, o valor de todos os elementos inseridos no ambiente esportivo. O referido autor defende, para o desenvolvimento de uma "*cultura esportiva*", a diversificação esportiva, considerando este um dos aspectos principais para tal propósito, assim como um conjunto de ações que envolvam uma pedagogia da inclusão.

Portanto, temos aqui respondido o terceiro questionamento, já apresentado no início desta parte do ensaio, considerado por Paes (2002) como necessário para uma proposta pedagógica estruturada: *"Quais os personagens da prática?"*.

Sendo assim, para conclusão das considerações gerais a cerca da pedagogia do esporte, resta-nos apresentar os erros mais comumente encontrados no planejamento, estruturação e aplicação das propostas pedagógicas aplicadas à iniciação esportiva para crianças e adolescentes.

A esse respeito, Paes (2002, pp. 91 e 92), apresenta *"[...] quatro problemas relativos à pedagogia do esporte [...]"*:

- *"Prática esportivizada – trate-se de uma prática que se vale dos fundamentos e dos gestos técnicos de diferentes modalidades, sem nenhum compromisso com os objetivos do cenário que é realizada. [...] Limita-se à repetição de movimentos, [...], não permitindo o aprendizado de algo novo.*
- *Prática repetitiva de gestos técnicos em diferentes níveis de ensino – [...] é a repetição das mesmas práticas nas diferentes fases do ensino [...], essa situação revela falta de respeito às fases do desenvolvimento do aluno, contribuindo para a redução do esporte a uma simples prática esportivizada com o fim em si mesmo [...].*
- *Fragmentação de conteúdos – [...] o esporte é oferecido de forma desorganizada, sem continuidade e a evolução necessária para o aprendizado [...].*
- *Especialização precoce – trata-se de um grave problema da pedagogia do esporte, [...]. A busca pelo resultado positivo a curto prazo, especialmente no Brasil, tem levado profissionais do esporte a adotar a especialização como procedimento pedagógico. Ocorre que a especialização ocorre cada vez mais cedo [...]. Esse procedimento acaba gerando em problemas de diferentes dimensões: físicas, técnicas, táticas, psicológicas e fisiológicas [...]".*

Para ele, tais problemas interferem *"[...] de forma negativa na tentativa de dar ao esporte, [...], um tratamento pedagógico"* (Paes, 2002, pp. 92). Portanto, em contraposição a estes problemas, o citado autor identifica *outros "quatro aspectos relevantes e balizadores de uma proposta pedagógica:*

- *Esporte – [...] trata-se da melhor compreensão do fenômeno esporte [...]. O aprendizado do esporte [...] poderá ocorrer privilegiando seu caráter lúdico, proporcionando aos alunos a possibilidade de conhecer, de aprender, de tomar gosto, de manter o interesse pela ação esportiva e ainda contribuir para a consolidação da educação física como disciplina. Tudo isso com objetivos pedagógicos que transcendem os objetivos do esporte com fim somente na sua prática.*
- *Sistematização de conteúdos – [...] o esporte deve ser desenvolvido de forme planejada, organizada e sistematizada. Dessa forma, para ensinar esporte é preciso que os alunos, [...], tenham a oportunidade de rever constantemente o que já foi aprendido, aprender algo novo, e preparar-se para aprendizados futuros. Sistematizar os conteúdos é um pré-requisito*

fundamental para dar ao esporte um tratamento pedagógico.

- *Consideração aos diferentes níveis de ensino – esse aspecto, apesar de parecer óbvio, não é não é considerado quando se trata de ensino do esporte [...]. A não observância desse aspecto por parte do professor poderá reduzir e restringir o esporte a simples repetição de gestos, omitindo-se seu verdadeiro valor no processo de educação de criança e jovens.*
- *Diversificação – [...] esse procedimento é fundamental no processo de ensino e na aprendizagem do esporte, [...], pois é por meio da diversificação de movimentos e de modalidades que os alunos poderão ter acesso ao esporte, conhecendo alternativas de práticas e assim ampliar seu universo de possibilidades e até mesmo ter um referencial maior para optar por práticas esportivas de seu interesse".* (Paes 2002, pp. 92 e 93).

Portanto:

> *"[...] possibilitar aos alunos desenvolvimento motor (aquisição de habilidades básicas e específicas), desenvolvimento das inteligências (destacam-se a corporal sinestésica, a espacial, a intrapessoal e a lógico-matemática), trabalhar a auto estima (reforçando acertos em geral e promovendo intervenções positivas) e, por fim, facilitar as intervenções dos professores no sentido de trabalhar princípios essenciais à sua educação*[3] *(cooperação, participação, emancipação, co-educação e convivência)"* (Paes, 2002, pp. 95),

torna-se indispensável para um tratamento pedagógico do esporte, resultando, então, na educação integral da criança e adolescente, fazendo dos treinadores e professores que se dedicam à iniciação esportiva, pedagogos do esporte.

Sendo assim, os cuidados aqui apresentados são de extrema importância para um bom trabalho de iniciação e desenvolvimento esportivo. Cada vez mais, crianças e adolescentes estão buscando a prática esportiva, o q faz do desenvolvimento gradual c condizente com as fases de maturação e crescimento dos jovens praticantes, um item de indispensável relevância.

---

[3] Refere-se a educação das crianças e dos adolescentes envolvidos no processo de iniciação esportiva.

Ou seja, sem os devidos cuidados pedagógicos, ao invés da formação de adultos aptos à prática desportiva, teremos adolescentes frustrados e/ou lesionados, quando não, traumatizados com o esporte. Disto decorre, um número muito maior de praticantes nas fases iniciais do processo do que o terminando.

Logo, torna-se essencial a discussão da pedagogia de iniciação e desenvolvimento esportivo ao tratarmos do processo de introdução e incremento às práticas desportivas. Como o objetivo principal deste ensaio é o diálogo entre esta vertente de estudo, voltada para a formação humana, e a vertente do treinamento de longo prazo, voltada para o desenvolvimento atlético, faz-se necessária a apresentação desta segunda linha de estudo.

PARTE 2: PEDAGOGIA DO ESPORTE E TREINAMENTO DE LONGO PRAZO: PREOCUPAÇÕES E OBJETIVOS

Aqui serão apresentados as diretrizes, preocupações e objetivos do processo de treinamento de longo prazo, objetivando a explanação geral de seus conteúdos, assim como uma breve discussão acerca das idades envolvidas nesta metodologia de trabalho. Para tanto serão utilizados autores como Bompa (2002), Gomes (2002) ,Böhme (2002) e Ferraz (2002).

Como visto no até então exposto, é notório o crescimento da busca e do interesse em atividade física nas crianças e adolescentes. Mas, também ficou claro que tal crescimento não é de todo positivo, pois uma prática esportiva sem restrições pode ser prejudicial ao desenvolvimento psicológico e motor da criança e do adolescente (Ferraz, 2002).

E de fato, como veremos, são muitas as preocupações existentes neste processo de formação esportiva. Hoje, o esporte infantil, como dito por Simões (2002), é organizado por adultos, tendo como referências para sua construção, padrões amadurecidos de prática e competição. Sendo assim, torna-se necessário repensar este modelo. Constataremos que a inadequação das práticas às crianças e adolescentes pode trazer conseqüências negativas para a formação dos mesmos, transformando o processo de iniciação esportiva em agente de afugentamento à prática esportiva.

Com propósito didático, dividiremos em itens as preocupações referentes ao processo de iniciação e desenvolvimento esportivo, para uma melhor compreensão do tema:

> *"O esporte no Brasil é conceituado como uma ação social institucionalizada, com regras convencionais, possuindo caráter lúdico na forma de competição entre duas ou mais pessoas oponentes ou contra a natureza, cujo objetivo é a comparação de desempenhos para se*

> *estabelecer o vencedor ou registrar o recorde; seu resultado é influenciado pela técnica, pela tática e pela estratégia do participante, e é gratificante tanto intrínseca como extrinsecamente".* (Feraz, 2002, pp 26).

O autor também diz ser possível distinguir duas perspectivas da prática esportiva, dependendo da ênfase dada em determinados aspectos, e são elas:

– A prática lúdica informal (desenvolvida principalmente nas famílias, nos bairros e nos centros esportivos);

– A prática institucionalizada do esporte de rendimento (desenvolvida freqüentemente em clubes e escolas especializadas);

Ferraz (2002) coloca, aquela, objetivando "*a aprendizagem e a difusão do esporte*", mediante prática geral e variada, definida por Bompa (2002) como multilateral. Possibilita variados acessos a diferentes modalidades e tendo como público alvo a "pessoa comum com suas capacidades e limitações". Já, esta, visa a competição, buscando a melhoria constante do rendimento mediante treinamento sistematizado e específico, destinado-se a atletas e "talentos".

Nota-se que, para tal determinação, o autor se baseou em três aspectos: o objetivo almejado pela prática esportiva, os caminhos e instrumentos para se alcançar tal objetivo e, por fim, os públicos alvos para as respectivas práticas.

Visto isso, torna-se possível o início da discussão a respeito do treinamento em longo prazo (TLP) e seus componentes, que será balizada pelos mesmos aspectos acima mencionados. Note que tais aspectos resumem os referenciais metodológicos apresentados por Paes (2002) como necessários para uma boa estruturação da proposta pedagógica destinada ao processo discutido neste ensaio.

Segundo Bompa (2002), dois princípios norteiam o processo do TLP:

- Desenvolvimento multilateral ou habilidades múltiplas: é o desenvolvimento das habilidades fundamentais (correr, saltar, arremessar e apanhar bola, dar cambalhotas e equilibrar-se) de variadas maneiras, no período, principalmente, anterior a prática do treinamento de uma modalidade esportiva específica. Tem por objetivo melhorar a adaptação geral do praticante, ampliando seu repertorio motor e desenvolvendo coordenação, flexibilidade e força. Torna o indivíduo gradativamente melhor preparado para prática esportiva especializada e apto a incrementos crescentes de carga e volume de treinamento.

  Bompa (2002) também apresenta ser necessário o comprometimento de resultados a curto prazo, para o desenvolvimento de um número maior de atletas bem sucedidos no alto desempenho. Ele apresenta em seu trabalho um estudo que demonstra a maior eficiência, neste sentido, do referido programa multilateral sobre o programa norte americano de iniciação. Este engloba a especialização precoce em determinada modalidade esportiva, a utilização de exercícios específicos e os métodos de treinamento direcionados às necessidades daquele esporte, ocasionando, então, o resultado a curto prazo.

  O estudo foi feito longitudinalmente por 14 anos, na antiga Alemanha Oriental. Dividiu-se um grupo grande de crianças entre 09 e 12 anos ao meio. O primeiro grupo participou do programa norte americano e o segundo do programa multilateral. Os resultados aparecem na tabela 2.1:

Nota-se, então, que, a teoria da pedagogia de iniciação e desenvolvimento esportivo e o TLP em sua primeira fase do processo, identificam-se mais que o modelo proposto por Kunz (1994) na apresentação deste trabalho, como sendo o mais encontradiço nas instituições ligadas ao esporte.

TABELA 2.1: Comparação entre a especialização precoce e o desenvolvimento multilateral (Bompa, 2002, p. 05)

Filosofia de treinamento	
ESPECIALIZAÇÃO PRECOCE	PROGRAMA MULTILATERAL
Rápida melhora no desempenho	Melhora mais lenta no desempenho
Melhor desempenho obtido aos 15-16 anos em conseqüência da rápida adaptação	Melhor desempenho aos 18 anos ou mais, a idade de amadurecimento fisiológico e psicológico.
Inconsistência do desempenho nas competições	Consistência do desempenho nas competições
Por volta dos 18 anos, muitos atletas estão exaustos e abandonam o esporte.	Vida esportiva mais longa
Propensão a lesões em conseqüência da adaptação forçada	Pouquíssimas lesões.

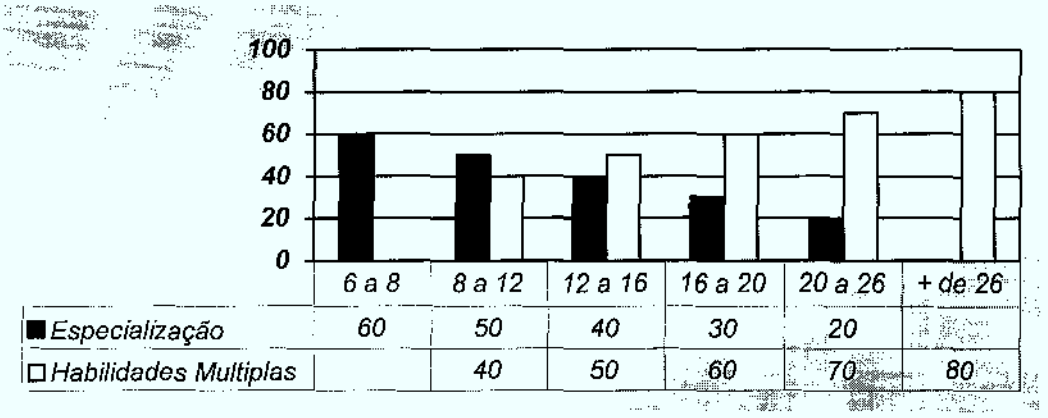
Esta aproximação deve-se ao fato de ambos defenderem a diversificação das práticas no inicio do processo, além, é claro, de apoiarem a supressão do resultado a curto prazo.

De fato, o objetivo do TLP com a prática multilateral é o desenvolvimento atlético do praticante, preparando-o, como dito, para o desempenho específico e os incrementos na intensidade e no volume dos treinamentos. Afasta-se, assim, da pedagogia da iniciação e desenvolvimento esportivo, que defende o mesmo tipo de prática, porém voltada para o desenvolvimento motor do praticante.

- Desenvolvimento especializado: é um processo complexo, com incrementos contínuos na intensidade e no volume de treinamento. Fase dos testes formais e da participação em competições planejadas e organizadas ao longo do ano. Deve se iniciar por decisão do aluno e ser posterior a uma sólida base multilateral. Para Bompa (2002), o desenvolvimento especializado é uma etapa *"[...] necessária para alcançar o alto desempenho em qualquer esporte porque leva à adaptação física, técnica, tática e psicológica"* (2002, pp07), para a modalidade escolhida.

Constitui-se por exercícios que objetivam o desenvolvimento específico da modalidade e o incremento das habilidades motoras gerais. As proporções por ele indicadas entre estes exercícios variam na dependência da modalidade específica escolhida, ocupando apenas 60 a 80% do tempo total destinado aos treinamentos, como vemos na figura 2.1. A figura também mostra a importância da permanência do programa multilateral, durante o período agora apresentado.

FIGURA 2.1 Proporção entre o desenvolvimento multilateral e o treinamento especializado para várias idades. (Bompa, 2002, p. 07)



Com tais considerações em foco, Bompa (2002) acredita que dividindo-se *"[...] o treinamento de crianças e jovens em estágios sistemáticos de desenvolvimento, com objetivos bem definidos, teremos mais chances de produzir atletas saudáveis e excelentes."* (pp25).

Desta forma, o referido autor preconiza que, um programa gradual, progressivo e sem incrementos bruscos na intensidade eleva significativamente a eficiência do treinamento e reduz o risco de frustração e lesão. A este programa, com tais pressupostos básicos, chamou: Treinamento de Longo Prazo ou TLP.

Novamente a aproximação entre a teoria do TLP e da pedagogia da iniciação e desenvolvimento esportivo, centrais neste ensaio, manifesta-se no âmbito das práticas realizadas.

Ao iniciar a fase da especialização, por decisão própria do jovem praticante e necessariamente posterior a uma sólida base multilateral, evidencia-se, por parte do TLP, o respeito às fases do desenvolvimento do jovem atleta, como também a preocupação com a citada especialização precoce. Preocupação e respeito também vistos na pedagogia da iniciação e desenvolvimento esportivo.

Porém, as aspirações de ambas teorias com tal preocupação e respeito tornam a afastá-las. O TLP continua voltado para a gênese do futuro atleta, enquanto que, a pedagogia da iniciação e desenvolvimento esportivo volta-se para a formação esportiva geral do praticante.

Vemos na figura 2.2 a distribuição dos estágios de desenvolvimento esportivo, balizados pelos conceitos anteriormente apresentados.

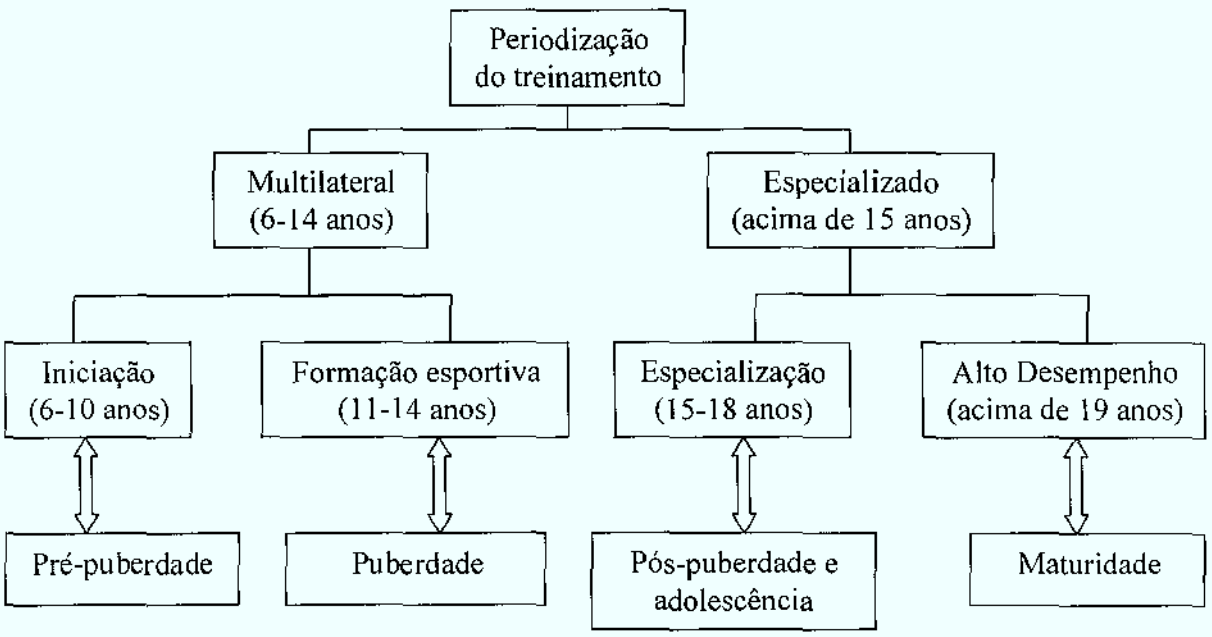


Figura 2.2: Periodização de treinamento a longo prazo. (Bompa, 2002, p. 26)

a) Estágio de iniciação: 6-10 anos de idade

Nesta fase, Bompa (2002) apresenta o crescimento do corpo da criança seguindo um ritmo constante. Seus grupos musculares maiores estão mais desenvolvidos que os menores, seu sistema cárdio respiratório esta em formação, possibilitando assim capacidade aeróbia adequada para a participação em quase todo tipo de atividade, muito embora sua tolerância ao acumulo de acido lático ainda seja muito pequena. A intensidade das atividades deve ser baixa, focada no divertimento e no desenvolvimento esportivo geral, o que aproxima esta teoria da anteriormente exposta. Böhme (2002), também evidencia tais aspectos, assim como, o desenvolvimento das capacidades coordenativas. Devido a pouca capacidade das crianças em se concentrarem em uma mesma atividade por muito tempo, Bompa (2002) e Gomes (2002) apresentam como essenciais, a variabilidade das atividades, assim como, seu lado lúdico privilegiando a ação e o divertimento acima da vitória e do desempenho, demonstrando total respeito e preocupação com as necessidades e anseios dos praticantes.

Bompa (2002) indica varias diretrizes para uma melhor estruturação do programa de treinamento nesta fase, dentre elas:

- *"Enfatizar o desenvolvimento multilateral, [...].*
- *Dar a cada criança tempo suficiente para o desenvolvimento adequado de habilidades, [...].*
- *[...] Reforçar a melhora no desenvolvimento de aptidões.*
- *Encoraja-las a desenvolverem flexibilidade, coordenação e equilíbrio.*
- *Modificar o equipamento e o ambiente de jogo para um nível adequado, [...].*
- *Simplificar ou modificar as regras, [...], do jogo.*
- *Elaborar [...] atividades para [...] participação ativa máxima.*
- *Promover aprendizagem por experiência ao proporcionar às crianças oportunidade de elaborarem [...] suas atividades. Incentiva-las a serem criativas e a usarem a imaginação.*
- *Incluir jogos modificados que enfatizem estratégias e táticas básicas [...].*

- *Enfatizar importância da ética e do jogo justo.*
- *[...] meninos e meninas participarem juntos.*
- *Certificar-se que' praticar esportes é divertido'.*
- *Incentivar a participação no maior número possível de modalidades esportivas".* (Bompa, 2002, pp. 28 e 29)

b) Formação esportiva: 11 a14 anos de idade

Para Bompa (2002) esta fase se assemelha muito a anterior, sendo apenas um pouco mais específica. Há o desenvolvimento rápido dos corpos e suas capacidades, permitindo um ligeiro e gradativo aumento na intensidade do treino. O amadurecimento aeróbio continua e a tolerância ao acumulo de acido lático passa a ser maior. Ainda julga importante a ênfase no desenvolvimento de aptidões e habilidades motoras, assim como no divertimento, já que o desenvolvimento do indivíduo ainda não se deu por completo. Variações eventuais quanto a desempenho e vitórias, justificam-se por diferenças individuais de crescimento.

A seguir, algumas das diretrizes, por ele apontadas, para melhor orientação no trabalho com turmas integrantes desta fase:

- *"[...] participação em diversos exercícios da modalidade esportiva específica e de outras, [...]. Aumentar progressivamente volume e intensidade de treino.*
- *Preparar exercício que introduzam os atletas a estratégias e táticas fundamentais, e reforçar o desenvolvimento de habilidades.*
- *Ajudar os atletas a apurarem e automatizarem as habilidades básicas aprendidas, [...], e a aprenderem habilidades um pouco mais complexas.*
- *Proporcionar oportunidades a todas as crianças de participarem em níveis de maior desafio.*
- *Introduzir os atletas aos exercícios que desenvolvam força geral. [...].*
- *Continuar o desenvolvimento da capacidade aeróbia. [...].*

- *Introduzir atletas ao treinamento anaeróbio moderado. [...].*
- *Evitar competições que exijam anatomicamente muito do corpo. [...].*
- *Introduzir os atletas a diversas situações competitivas divertidas que lhes permitam aplicar varias técnicas e táticas. [...] é importante não enfatizar a vitória. [...].*
- *Proporcionar tempo para os atletas brincarem e se socializarem com os colegas".* (Bompa, 2002, pp. 30 e 31)

c) Especialização: 15-18 anos de idade

É a fase de mudança mais relevante no treinamento, segundo Bompa (2002). Para ele, nesta fase, os atletas toleram maior exigência de treinamento e competição. Iniciam-se, então, as práticas voltadas para o desenvolvimento do alto desempenho. Böhme (2002) apresenta esta etapa como sendo de transição, responsável pelo desenvolvimento do domínio completo das técnicas da modalidade esportiva escolhida.

Bompa (2002) ressalta também algumas diretrizes básicas de direcionamento das atividades. Entre elas, destacam-se:

- *" Monitorar atentamente o desenvolvimento de atletas durante este estágio. [...].*
- *[...] é o momento para se enfatizar a especificidade.*
- *[...] o treinamento deve simular sobretudo as ações que ocorrem durante as competições. [...].*
- *Envolver atletas nos processos de tomada de decisão sempre que possível.*
- *Continuar a enfatizar o treinamento multilateral, [...].*
- *Incentivar os atletas a se familiarizarem com os aspectos teóricos do treinamento.*
- *Melhorar e aperfeiçoar as técnicas da modalidade esportiva. [...].*
- *Melhorar as táticas individuais e coletivas. [...].*
- *Aumentar aos poucos o numero de competições. [...]. Embora vencer se torne cada vez mais importante, não se deve dar ênfase excessiva.*

- *Os atletas devem participar do treinamento mental. [...]".* (Bompa, 2002, pp. 33 e 34)

Portanto, ao considerarmos o processo de iniciação e desenvolvimento esportivo, um programa composto por etapas e que respeite as necessidades e limites de cada uma delas, estaremos maximizando os resultados almejados pelo TLP e pela pedagogia da iniciação e desenvolvimento esportivo com o referido processo. Conseguiremos ao mesmo tempo minimizar a exclusão e o abandono, bem como, trabalhar o aluno como um todo.

Sendo assim, voltamos a ver a aproximação de ambas as teorias, promovida pelas práticas desenvolvidas, embora tenham ainda como fator de distanciamento os objetivos almejados com tais diretrizes, que não mudaram.

Mas, serão somente as diretrizes etárias, acima apresentadas como delimitadoras das etapas do TLP, serão necessárias para uma boa estruturação pedagógica das práticas esportivas? E serão elas confiáveis, considerando e respeitando as diferenças encontradas de indivíduo para indivíduo? Para responder a estas questões, torna-se necessária as seguintes reflexões.

Nossas vidas são regidas por regras. Segundo Ferraz (2002) *"a regra é a normatização entre dois ou mais elementos"* (pp.29). Sendo assim, é realmente impossível, vivendo em sociedade, não conviver com elas.

Mas, estas regras não são as mesmas vivenciadas por crianças e adolescentes em um jogo ou esporte. Embora ambas impliquem em uma consciência e prática, as regras de um jogo infantil ou esportivo diferenciam-se de tais regras morais que regem nossa sociedade - não mentir e não roubar, p. ex. - por sua natureza mutável e arbitrária, não traduzindo, obrigatoriamente, um juízo de valor como aquelas (Ferraz, 2002).

Para o autor as regras de um jogo devem ser respeitadas, sendo este um ato moral, expressando honestidade e respeito pelo adversário. Todavia, esta regra não é moral e sim uma norma, passível de sanções previstas no próprio regulamento do jogo, caso o seu não cumprimento. Cumprir a regra do jogo é a condição primeira para o mesmo existir, sendo assim, presume-se, por parte de seus integrantes, a promessa de respeito a elas.

Duas situações, também apontadas por Ferraz (2002) são freqüentemente encontradas durante o exercício de um jogo ou esporte. A primeira delas é a prática sem consciência, demonstrando um comportamento tido como amoral, no qual o sujeito age conforme a regra, respeitando-a, mas não fazendo nenhum juízo moral sobre ela. A segunda situação encontrada é a da consciência sem prática, evidenciando um comportamento tido como imoral, onde o sujeito conhece a regra e a entende, desrespeitando-a intencionalmente, visando vantagens pessoais.

Conclusão, dependendo de como se apresenta este binômio prática/consciência da regra na criança e no adolescente, poderá existir ou não condições de iniciar uma prática esportiva, visto que, sem o mutuo conhecimento e respeito às regras de um jogo ou esporte, o mesmo não pode se desenvolver.

Portanto, para se definir a melhor idade para o início das práticas esportivas, há de se conhecer a situação de desenvolvimento deste binômio na criança e no adolescente. Piaget (citado por Ferraz, 2002), na sua teoria sobre juízo moral, apresenta elementos teóricos importantes para esta análise.

Em suas pesquisas ele investigou, através da observação, os comportamentos das crianças em relação às regras de um jogo, e, por meio de questionamentos a respeito destes comportamentos, analisou a consciência das atitudes tomadas no decorrer das atividades propostas.

Sua análise dos resultados obtidos na pesquisa o levou a estabelecer quatro níveis para a prática da regra e três para a consciência da regra, apresentados por Ferraz (2002, pp 30 e 31) da seguinte maneira:

Quadro 2.1 Níveis de desenvolvimento de Piaget para a prática e consciência das regras (Ferraz, 2002, p. 30)

Idade Aproximada	Prática da Regra	Consciência da Regra
Até 3 anos	Motor individual	
Até 6 anos	Egocêntrico	Não obrigatoriedade da regra
Até 11 anos	Cooperação nascente	Obrigatoriedade sagrada
11 anos em diante	Codificação das regras	Obrigatoriedade devido ao consentimento mútuo

> *"Desenvolvimento das práticas das regras*
>
> *a. Motor Individual: Nessa fase a criança não participa da relação social implicada no jogo, sendo esse essencialmente individual e correspondendo à simples aplicação funcional dos esquemas de ação. Ainda é prematuro falar de regras, por mais que esses comportamentos se repitam, ritualizando-se, e de uma certa forma anunciando as regras que, com mais idade, a criança empregará em seus jogos sociais [...].*
>
> *b. Egocêntrico: Essa segunda etapa caracteriza-se por uma "imitação superficial" das regras. Tem-se agora a presença da regra, provavelmente aprendida de crianças maiores, sem, contudo, o seu cumprimento. Sendo assim, a criança nesta fase pronuncia alguns termos que caracterizam a regra, mas paradoxalmente não realiza o menor esforço para utiliza-la. [...] A incompreensão das regras parece total e a imitação alcança somente os aspectos superficiais da atividade [...].*
>
> *c. Cooperação Nascente: Nessa etapa a regra normatiza realmente as ações entre os competidores, [...], respeitando-se rigorosamente as regras do jogo. Portanto, a criança passa a ser fiel às regras, vigiando cuidadosamente seus oponentes; nesse caso, o não-cumprimento da regra é um delito grave.*
>
> *d. Codificação das Regras: Nessa última fase a criança demonstra grande interesse pela regra em si e por possíveis estratégias para tirar proveito e vencer dentro do cumprimento da própria regra. Não raro são as manifestações no sentido de elaborarem ou discutirem novas regras e estratégias de jogo.*
>
> *Consciência das regras na criança*
>
> *a. Não-obrigatoriedade: No que diz respeito à prática das regras, esse nível vai aproximadamente até a*

> *metade do nível egocêntrico. Como o próprio nome define, nesse primeiro nível a criança não dá qualquer valor à necessidade da regra. Além do fato de não praticar as regras, demonstra não possuir nenhum respeito intelectual por elas e, como conseqüência, quaisquer mudanças nas regras são facilmente aceitas. No que diz respeito à origem das regras, são atribuídas a uma criação divina, mitológica ou paterna.*
>
> *b. Obrigatoriedade Sagrada: Esse nível vai até aproximadamente a metade do nível de cooperação nascente no que se refere à prática das regras. A expressão característica deste nível é a ilegitimidade de qualquer modificação ou adaptação à regra tradicional do jogo. A criança demonstra competência para criar uma nova regra; todavia, do ponto de vista da validade em se jogar com as regras "inventadas", ela manifestasse radicalmente contrária. A origem ainda é devida a uma criação divina ou paterna.*
>
> *c. Obrigatoriedade Devido ao Consentimento Mútuo: Piaget define este nível com a afirmação: "A democracia sucede a teocracia e a gerontocracia". A criança passa a ter consciência do caráter arbitrário e necessário das regras, sendo essas resultado de uma cooperação e aceitação mútua entra os competidores. Sua origem é resultado de uma convenção social".* (Ferraz, 2002, pp 30 e 31)

Portanto, pode-se dizer que a idade mais adequada para se dar início ao processo da TLP seja em torno dos 6 anos. Idade esta também indicada, por Bompa (2002), Gomes (2002) e Böhme (2002) para início mais apropriado, considerando que seus trabalhos sobre este tema visam crianças e adolescentes de 6 á 18 anos.

Seguir exclusivamente tal determinação etária, impediria o profissional de educação física quanto a erros referentes à adequação das atividades para a iniciação esportiva? Há outros fatores a serem considerados. Basta sairmos às ruas, passearmos em parques ou observarmos a saída dos alunos de um colégio, para notarmos diferenças de altura, peso,

comportamento, desenvolvimento, etc... Os atletas[4] não estão isentos destas diferenças como vemos na seguinte citação:

> *"Cada atleta é diferente, com personalidade singular, características físicas, comportamentos sócias e capacidades intelectuais próprias"*. (BOMPA, 2002, pp 12).

Para o autor, essas diferenças individuais têm de ser levadas em consideração para elaboração de um programa eficaz de treinamento em longo prazo, objetivando, da melhor maneira possível, atender suas necessidades singulares. No intento de tal proposta, Bompa (2002), respondendo a pergunta acima, não acredita na classificação de crianças e adolescentes estritamente quanto as suas idades cronológicas. Diz ser *"inaceitável"* esta atitude. Para aperfeiçoar tal classificação, sugere a consideração dos conceitos de idade anatômica e biológica, apresentando-os da seguinte maneira:

Para o referido autor, ao identificarmos determinadas características, visíveis e variáveis, de indivíduo para individuo, podemos reconhecer vários estágios de desenvolvimento anatômico, denominando assim o que chamamos de idade anatômica. Na tabela 2.2 temos, resumidamente, os estágios de desenvolvimento específicos de crianças e jovens.

A idade anatômica, além de não deixar dúvidas quanto às complexidades do crescimento e do desenvolvimento, ajuda a explicar as razões de um amadurecimento motor e das habilidades mais rápido em algumas crianças em relação a outras. Isto implica em um melhor desempenho esportivo em idades cronológicas menores.

---

[4] BOMPA (2002) classifica crianças e adolescentes imersos no processo de TLP como jovens atletas (prefácio, pp IX)

Tabela 2.2: Estágios da idade anatômica (Bompa, 2002, pp 13).

Fase de Desenvolvimento	Idade Cronológica (anos)	Estágio	Idade	Características do Desenvolvimento
Início da infância	0-2	Recém-nascido	0-30 dias	Rápido desenvolvimento dos órgãos
		Lactante	1-8 meses	
		Engatinhando	9-12 meses	
		Andando	1-2 anos	
Pré-escola	3-5	Pequeno	3-4 anos	Um estágio de ritmo desigual de desenvolvimento quando ocorrem mudanças complexas e importantes (funcionais, comportamentais e da personalidade).
		Médio	4-5 anos	
		Grande	5-6 anos	
Idade escolar	6-18	Pré-puberdade	6-11 (meninas)	Desenvolvimento lento e equilibrado quando as funções de alguns órgãos se tornam mais eficientes.
			7-12 (meninos)	
		Puberdade	11-13 (meninas)	Crescimento e desenvolvimento rápidos na altura, no peso e na eficiência de alguns órgãos; amadurecimento sexual com alteração nos interesses e no comportamento.
			12-14 (meninos)	
		Pós-puberdade Adolescência	13-18 (meninas)	Desenvolvimento lento, equilibrado e proporcional; amadurecimento funcional.
			14-18 (meninos)	
Jovem adulto	19-25	Maturidade	19-25 anos	Período de amadurecimento com duplo aperfeiçoamento de todas as funções e traços psicológicos. Maximização dos potenciais psicológico e esportivo.

Sendo assim, torna-se necessária a observação da idade anatômica para uma melhor adequação das práticas propostas, pois, como visto, algumas crianças desenvolvem habilidades motoras mais velozmente que outras, necessitando assim de estímulos mais complexos para um ótimo desenvolvimento.

A idade biológica refere-se ao desenvolvimento fisiológico dos órgãos e dos sistemas no corpo. Ajuda a determinar o potencial fisiológico no treinamento e na competição, possibilitando obtenção de desempenho máximo. (Bompa, 2002.)

Ele também diz que na classificação e seleção de atletas, é preciso considerar a idade biológica. Duas crianças praticantes de esporte, com a mesma idade anatômica, apresentando semelhanças quanto a altura, peso e desenvolvimento muscular, podem ter idades biológicas e aptidões diferentes para o desempenho de uma tarefa de treinamento. Do contrário, fica difícil estabelecer se certas crianças são ainda muito jovens para prática de determinadas habilidades ou cargas específicas de treinamento.

Mesmo para atletas mais velhos, torna-se difícil avaliar seus potenciais baseando-se somente nas suas idades cronológicas. Isto pode acarretar freqüentes erros de julgamento, implicando no encerramento da vida esportiva de atletas que ainda poderiam render algumas marcas (Bompa, 2002). Abaixo veremos alguns poucos exemplos[5] de atletas que alcançaram marcas significativas em idades cronológicas inesperadas:

- *"Murray Wood, da Austrália foi medalha de prata no remo nos Jogos Olímpicos em 1956, aos 39anos.*
- *Nos Jogos Olímpicos de 1964 em Tóquio, M. Takemoto, do Japão, recebeu medalha de prata em ginástica olímpica aos 44anos.*
- *Nos Jogos Olímpicos de Montreal em 1976, Nadia Comaneci, uma romena de 14 anos, ganhou medalha de ouro em ginástica rítmica.*
- *L. Ceapura, da Romênia, recebeu medalha de prata no remo nos Jogos Olímpicos de Moscou em 1980, aos 39anos.*
- *Em 1988, Allison Higson, canadense de 15anos, quebrou o Record mundial nos 100m nado de peito.*
- *Em 1991, A. Yeu da China com 12 anos foi campeã mundial em saltos ornamentais.*
- *Gordie Howe, do Canadá, ainda jogava hóquei na National Hockey Leag[6] aos 52anos (de 1946-1971 e de 1979-1980)".*

Esta lista mostra alguns exemplos de desempenhos excepcionais no esporte, demonstrando diferentes potencias biológicos em diferentes idades cronológicas. Mas,

[5] BOMPA 2002, pp 16.
[6] Liga Nacional de Hóquei.

embora o desenvolvimento da idade anatômica seja aparente, o desenvolvimento da idade biológica não o é. Às vezes, um corpo "franzino" pode ocultar um coração eficiente e poderoso, importantíssimo em provas de longa duração (Bompa, 2002).

É por isso que temos de avaliar a idade biológica de forma objetiva, por meio de testes simples e criteriosos, para melhor definirmos as diferenças no potencial de treinamento de crianças e adolescentes. (Bompa, 2002; Gomes, 2002)

Resumindo, antes de se iniciar uma criança ou adolescente em qualquer fase do TLP, considera-se indicada uma análise global da mesma. Valendo-se de testes, questionários e avaliações (Bompa, 2002; Gomes, 2002), buscando melhor definir os seus níveis de desenvolvimento geral e procurando certificar-se, assim, do cumprimento dos determinantes apontadas neste trabalho para a organização das atividades planejadas. Com tais cuidados, poupa-se possíveis conseqüências indesejáveis para seu desenvolvimento seqüente, causados pela não adequação às práticas definidas.

Portanto, compete ao profissional de educação física, seja ele técnico, professor ou preparador físico, tal investigação. Deve procurar zelar pelo rigor dos critérios utilizados, procurando o máximo de adequação para suas práticas investigativas, com o sério propósito de não deixar que se frustrem as expectativas de crianças e adolescentes que buscam o esporte.

Parte 3: Fatores influenciadores no processo de iniciação e desenvolvimento esportivo: considerações gerais

Como já apresentado neste trabalho, o esporte é um fenômeno social e cultural de múltiplas possibilidades. Sendo assim, está passível de uma serie de influências. Guarda-se, então, para o presente momento deste trabalho a discussão dos fatores influenciadores do esporte de iniciação.

Para tanto, analisaremos as seguintes respostas, apresentadas por Simões (2002) como mais freqüentes, quando crianças e adolescentes são indagados sobre o por que de iniciarem ou persistirem com práticas esportivas:

> – *"Porque gosto de jogar com meus amigos.*
> – *Porque quero ser um jogador rico e famoso.*
> – *Porque meus pais querem que pratique esporte."*(Simões, 2002, pp 51)

Percebe-se neste excerto três fatores de grande influência para o esporte de base. Na primeira resposta, evidenciam-se as relações de amizade como fator influenciador. A esse respeito, Simões (2002), apresenta em seu trabalho que, além das crianças e adolescentes serem influenciados por amigos a participarem de determinadas práticas esportivas, a imagem adquirida e transmitida através do desempenho atlético também se faz muito importante. Para o autor, quando um jovem realiza um bom desempenho, demonstrando habilidade na modalidade esportiva escolhida, ele se destaca, revelando-se para seus amigos e meio social em que vive, como podemos ver na seguinte citação:

> *"É significativo o número de jovens atletas que se tornam socialmente conhecidos pelas suas capacidades atléticas, mobilizando o grande público e despertando interesse de empresários do meio esportivo".*(Simões, 2002, pp 24)

Outro fator influenciador evidenciado nas respostas é a família. Além dos motivos já apresentados na primeira parte deste trabalho, como a busca da melhoria na qualidade de vida, desenvolvimento da personalidade do praticante, entre outros, Simões (2002) cita outras justificativas para a participação parental na iniciação esportiva.

Em seu trabalho, o autor classifica os familiares dentro de um grupo maior, o dos adultos. Com isso, Simões amplia a presente discussão, incluindo os dirigentes das instituições esportivas e/ou educacionais, torcedores, técnicos e professores.

Para o autor, o mundo do esporte infantil hoje é determinado pelos adultos, o que se mostra necessário, pois sem tal influência, muitas conseqüências esperadas com a prática esportiva, como socialização e competitividade, por exemplo, não poderiam ser alcançadas. Em contrapartida, sugere que tal organização, baseada nas relações adultas, deve ter controle e limites, visto que, como outros autores, Simões acredita *"[...] que as crianças em idade escolar não são adultos em miniatura"*. (2002, pp 54)

Outra influência exercida sobre crianças e adolescentes pelos adultos, segundo o mesmo autor, é a transferência de sonhos e expectativas. Segundo Simões (2002), alguns parentais ou professores cobram dos jovens "atletas" posturas que muitas vezes queriam ter tido quando naquela fase de vida. Por conseqüência, as crianças e adolescentes acabam adquirindo condutas de comportamento extremadas, tornando-se altamente competitivas ou "narcisistas", entre outras.

Como última influência adulta sobre crianças e adolescentes na iniciação e desenvolvimento esportivo, Simões (2002) destaca o esporte desenvolvido na forma de espetáculo. Como exemplo mais marcante, cita "[...] o que se observa em eventos esportivos envolvendo crianças em jogos das categorias denominadas 'fraldinha',

'chupetinha' e outras (Simões, 2002, pp. 56), nas quais parentais, amigos e técnicos vislumbram desempenhos físicos superiores e boas atuações dos jovens atletas.

Para Simões (2002), muitos pais ao verem na televisão ídolos esportivos com fama e dinheiro, transferem aos filhos tais anseios, conduzindo-os, muitas vezes, a também sonharem em um dia atingirem um alto grau de destaque social. Em tal intento, alguns pais acabam por obrigar os filhos a persistirem em determinadas práticas esportivas, mesmo quando estes não demonstram qualquer aptidão ou interesse por tal modalidade.

Outro fator influenciador de relevância é o que denominaremos "esporte-espetáculo".

A mídia, com seus diversos instrumentos de propaganda e divulgação de ídolos, suscita nas pessoas anseios que podem não convergir com as melhores diretrizes propostas como o ideal de ensino e aprendizagem no esporte de formação. Betti (1997) cita o esporte contemporâneo como indissociável dos meios de comunicação de massa, cumprindo, cada vez mais, importante função político-econômica.

Montagner (2000) vê o desenvolvimento do esporte no Brasil ligado à diversas instituições, como escolas e clubes, por exemplo. Segundo o autor, seu gerenciamento competitivo, historicamente, esteve vinculado a clubes e federações. Recentemente, no esporte profissional, tal gerenciamento tem sido ocupado por empresas e seu universo de "conceitos modernos de administração e *marketing*", favorecendo assim a criação e desenvolvimento do esporte-espetáculo.

Montagner e Rodrigues (2004) conceituam o esporte-espetáculo como:

> *"... o esporte praticado em alto rendimento, com competições esportivas organizadas, esquemas intensivos de treinamento, relações mercantis e sendo reproduzido por*

diferentes meios de informação, dentre os quais, o mais poderoso é a mídia eletrônica (rádio, televisão, internet)".

É inevitável, na atual situação esportiva mundial e brasileira, a difusão de hábitos esportivos através do esporte-espetáculo. Conseqüentes à evolução dos conceitos de *marketing* e administração esportiva, ocasionando uma aproximação das crianças e adolescentes com o mundo esportivo, identificando-os como "potenciais consumidores". (Montagner, 2000)

Desta maneira, torna-se notória a significância do esporte-espetáculo para o referido "inchaço" na iniciação esportiva. As constantes exposições de bons atletas pelos veículos de comunicação de massa, fazem deles ídolos, que com ajuda do *marketing,* são cada vez mais "adorados" pelas crianças e adolescentes. Como vimos até aqui, os atletas ídolos têm à si agregados conceitos e valores que serão seguidos pelas crianças e adolescentes, pelo sonho de um dia serem também ídolos.

Para Montagner (2000), aqui se insere um primeiro e sério problema, pois as crianças farão de tudo para seguirem os passos de seus ídolos. Neste propósito, podem adotar eventuais comportamentos e valores reprováveis de seus objetos de admiração, como forma de ampliar a eficiência no caminho para a fama e sucesso.

Segundo Gomes; Montagner (2002), outro complicador nesta relação esporte-espetáculo e iniciação esportiva, é o tipo de "mercadoria esportiva" que está sendo "vendida" para estas gerações. Com o surgimento das empresas de *marketing* e administração esportiva no controle das competições, mudanças em regras e organização dos jogos se tornaram comuns e, nem sempre, respeitando as necessidades infantis referentes às suas fases de desenvolvimento e de maturação.

Portanto, não podemos simplesmente nos alegrarmos e comemorarmos o crescimento da procura pela iniciação esportiva no país, pois, como vimos, os valores agregados a tais práticas, os objetivos com ela almejados e os meios para tais conquistas podem estar equivocados, uma vez que "... o cenário do esporte infantil pode se converter em agente de socialização de normas e interesses adultos" (Simões, 2002, pp51), com pouca, ou nenhuma, relação com as reais necessidades e anseios das crianças e dos adolescentes.

Conclusão

Vimos então, claramente evidenciado, que, de fato, o esporte é um fenômeno sócio-cultural de grandes proporções. Como dito por Tani & Manoel (2004), o esporte não é objeto de apreciação apenas para os fervorosos seguidores, servindo também de modelo para as práticas desenvolvidas por adultos, idosos e principalmente crianças e adolescentes.

Comprovou-se também que, utilizar tal modelo como norteador das atividades destinadas à iniciação e desenvolvimento esportivo, pode resultar em erros de ordem pedagógica. Haja visto que, se as práticas forem executadas sem restrições, baseadas apenas em padrões adultos, os jovens praticantes estarão carentes de cuidados apropriados e necessários nestas fases da vida, podendo, então, estarem sujeitos a lesões, traumas e outros danos, chegando até ao abandono precoce da modalidade.

Sendo assim, fica clara a necessidade, por parte do profissional que trabalha com o referido processo, do conhecimento das diversas fases do desenvolvimento infantil, tanto anatômicas como psicológicas, biológicas e desportivas. Sem tal domínio, como vimos, o profissional atuante nesta área fica, de certa forma, sem fundamentos concretos que lhe ofereçam instrumentos para conduzir suas atividades de modo contínuo e integrado, inviabilizando assim, a maximização dos resultados esperados.

São imprescindíveis também, conhecimentos aprofundados do fenômeno esporte, seus empregos e classificações. Tani & Manoel (2004) em seu estudo, apresentaram as dificuldades existentes na definição do termo esporte. Connolly & Dalgleish (citados por TANI & MANOEL, 2004) colocam que: *"toda ação emerge de uma interação dinâmica entre a tarefa, o indivíduo e o ambiente"*. Baseado nisso, Tani & Manoel (2004) apresentaram duas classificações para as práticas desportivas, confrontando-as em um momento posterior.

Estes autores colocam que, dependendo da interação existente entre dois dos elementos considerados, tarefa e individuo, teremos o tipo de atividade realizada. Para eles, se há a adaptação do individuo a tarefa, trata-se de esporte de rendimento, manifestando seu fim em si mesmo e tendo o desempenho máximo como principal meta. Caso contrário, se as tarefas se adequarem aos indivíduos, teremos a educação física, surgindo então o esporte como um meio de se trabalhar.

Na tabela 4.1 encontraremos as distinções apontadas por Tani (1996, 2000, 2002; citado por Tani & Mmanoel, 2004) entre o esporte de rendimento e o esporte como conteúdo da educação física. Este autor, em face a relatividade do esporte, propõe estas perspectivas para a análise das controvérsias existentes entre esporte e educação física.

Nota-se que, o processo apresentado por Kunz (1994), visto na apresentação deste trabalho, assemelha-se a este, denominado por Tani (1996, 2000, 2002; citado por Tani & Mmanoel, 2004)como esporte de rendimento. Da mesma forma que, o esporte como conteúdo da educação física aproxima-se do desenvolvido pela pedagogia da iniciação e desenvolvimento esportivo.

Isso nos remete ao diálogo pretendido por este ensaio. Com a finalidade de facilitar tal objetivo, a comparação das duas teorias será feita seguindo o mesmo plano proposto por Tani (1996, 2000, 2002; citado por Tani & Mmanoel, 2004), acreditando tal exposição ter englobado todos os pontos pertinentes ao processo de iniciação e desenvolvimento esportivo.

Tabela 4.1: O conceito de esporte (Tani, 1996; apud Tani & Mmanoel, 2004)

ESPORTE/ RENDIMENTO			ESPORTE/CONTEÚDO DA ED. FÍSICA
Objetiva o	MÁXIMO RENDIMENTO (exclui-se quem não apresenta o máximo)	⟺ ESPORTE	ÓTIMO RENDIMENTO (respeito as individualidades de cada um, evitando super e subestimulação)
Visa a	COMPETIÇÃO (identificação e premiação do vencedor)	⟺	APRENDIZAGEM (não se preocupa com resultados e sim com processo continuo de aperfeiçoamento)
Ocupa-se com	TALENTO (opera pela exclusão)	⟺ PATRIMÔNIO	PESSOA COMUM (opera pela inclusão)
Preocupa-se com	POTENCIAL (cobra o máximo)	⟺	POTENCIAL E LIMITAÇÃO (entende as limitações dos praticantes)
Submete a	TREINAMENTO (repetição sistemática de movimentos, variando volume, intensidade e freqüência)	⟺ CULTURAL	PRÁTICA (processo de solução de problemas motores)
Orienta-se para	ESPECIFICIDADE (modalidade única)	⟺ DA	GENERALIDADE (variadas modalidades)
Enfatiza o	PRODUTO (ênfase aos rendimentos, títulos e recordes, com índices de referência externos."*O fim justifica os meios*")	⟺	PROCESSO (progresso individual com referência no estado anteriormente apresentado)
Resulta em	INOVACÃO (constante inovação técnica e tecnológica)	⟺ HUMANIDADE	DIFUSÃO (difusão e disseminação do esporte como patrimônio cultural)

Antes porém, na tabela 4.2, realizamos a comparação entre o TLP e o esporte de rendimento supracitado, com o intuito de confirmar o afastamento entre estas duas teorias e facilitar a análise posterior do TLP com a pedagogia da iniciação e desenvolvimento esportivo.

Observa-se no quadro que, ambos os métodos destinam-se a formação do atleta, mas evidentes diferenças são apresentadas. Por exemplo, quanto ao resultado, objetivado no curto prazo pelo esporte de rendimento e no longo prazo pelo TLP. Outra diferença

Tabela 4.2: Esporte de rendimento X TLP (adaptado de Tani,1996[7])

	ESPORTE/ RENDIMENTO		TREINAMENTO DE LONGO PRAZO
Objetiva o	MÁXIMO RENDIMENTO (exclui-se quem não apresenta o máximo)	⟺ ESPORTE	ÓTIMO RENDIMENTO (respeito as individualidades de cada um, evitando super e subestimulação, visando um "super atleta" a longo prazo)
Visa a	COMPETIÇÃO (identificação e premiação do vencedor)	⟺	APRENDIZAGEM e COMPETIÇÃO PLANEJADA (não se preocupa com resultados a curto prazo e sim com processo continuo de aperfeiçoamento)
Ocupa-se com	TALENTO (opera pela exclusão)	⟺ PATRIMÔNIO	PESSOA COMUM e TALENTOS (opera pela inclusão, desde que exista a intenção de ser atleta)
Preocupa-se com	POTENCIAL (cobra o máximo)	⟺	POTENCIAL E LIMITAÇÃO (entende as limitações dos praticantes, e as respeita, mas estimula a superação)
Submete a	TREINAMENTO (repetição sistemática de movimentos, variando volume, intensidade e freqüência)	⟺ CULTURAL	PRÁTICA e TREINAMENTO (inicia com praticas gerais e finaliza com treinamentos especificos)
Orienta-se para	ESPECIFICIDADE (modalidade única)	⟺ DA	GENERALIDADE e ESPECIFICIDADE (inicia no geral avançando progressivamente para o específico)
Enfatiza o	PRODUTO (ênfase aos rendimentos, títulos e recordes, com índices de referência externos."*O fim justifica os meios*")	⟺	PROCESSO e o PRODUTO (progresso individual com referência no estado anteriormente apresentado, mas objetivando o resultado a longo prazo)
Resulta em	INOVACÃO (constante inovação técnica e tecnológica)	⟺ HUMANIDADE	INOVAÇÃO e DIFUSÃO (as inovações técnicas e tecnológicas estão concentradas no final do processo e a difusão e disseminação do esporte como patrimônio cultural no processo todo)

[7] Adaptação feita devido a importância e relevância da tabela apresentada por Tani (1996).

Observa-se no quadro que, ambos os métodos destinam-se a formação do atleta, mas evidentes diferenças são apresentadas. Por exemplo, quanto ao resultado, objetivado no curto prazo pelo esporte de rendimento e no longo prazo pelo TLP. Outra diferença relevante se apresenta na orientação dos trabalhos. A primeira linha de atuação já busca o aperfeiçoamento e a especificidade desde o início do trabalho, enquanto o TLP o faz de maneira gradativa, dando espaço para especialização máxima somente ao final do processo. Comprova-se então que, de fato, o TLP surgiu objetivando a melhoria da situação mais comumente encontrada na iniciação esportiva.

Para a conclusão final do estudo, resta-nos analisar o TLP frente a pedagogia da iniciação e desenvolvimento esportivo (PIDE). Tal análise será feita na tabela 4.3.

Tabela4.2: Pedagogia da iniciação e desenvolvimento esportivo PIDE X TLP (adaptado de Tani,1996[8])

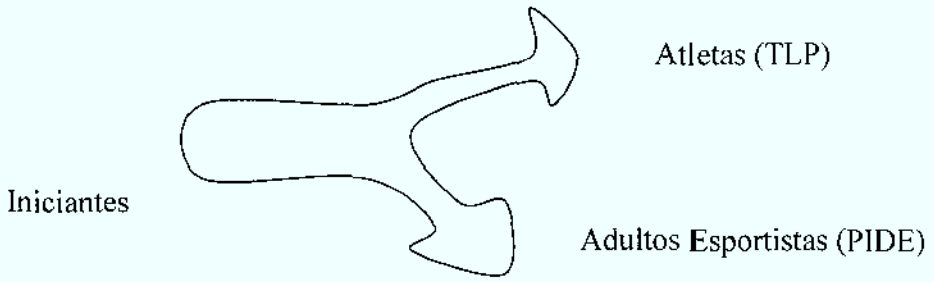
	PIDE	INICIAÇÃO ESPORTIVA	TREINAMENTO DE LONGO PRAZO
Objetiva o	ÓTIMO RENDIMENTO (respeito as individualidades de cada um, evitando super e subestimulação, visando um adulto praticante de esportes no longo prazo)	Início ⇨ ⇦ Fim ⇦ ⇨	ÓTIMO RENDIMENTO (respeito as individualidades de cada um, evitando super e subestimulação, visando um "super atleta" a longo prazo)
Visa a	APRENDIZAGEM (não se preocupa com resultados e sim com processo continuo de auto-aperfeiçoamento, embora também participem de competições planejadas)	Início ⇨ ⇦ Fim ⇦ ⇨	APRENDIZAGEM e COMPETIÇÃO PLANEJADA (não se preocupa com resultados a curto prazo e sim com processo continuo de aperfeiçoamento. As competições são essenciais, mas consideradas em momentos específicos e muito bem planejadas)
Ocupa-se com	PESSOA COMUM (opera pela inclusão)	Início ⇨ ⇦ Fim ⇦ ⇨	PESSOA COMUM e TALENTOS (opera pela inclusão, desde que exista a

[8] Adaptação feita devido a importância e relevância da tabela apresentada por Tani (1996).

			intenção de ser atleta)
Preocupa-se com	LIMITAÇÃO (entende as limitações dos praticantes, e as respeita no decorrer de todo o processo)	Início Fim	POTENCIAL E LIMITAÇÃO (entende as limitações dos praticantes, e as respeita, mas estimula a superação, podendo esta ser considerada nos momentos finais do processo como essencial)
Submete a	PRÁTICA (é a mais importante durante o processo, embora possam aparecer sessões de treinamento nas fases finais do processo)		PRÁTICA e TREINAMENTO (inicia com praticas gerais e finaliza com treinamentos específicos)
Orienta-se para	GENERALIDADE e ESPECIFICIDADE (inicia no geral avançando progressivamente para o específico, mas promove a prática em mais de uma modalidade, mesmo próximo ao final do processo)	Início Fim	GENERALIDADE e ESPECIFICIDADE (inicia no geral avançando progressivamente para o específico, culminando em uma única modalidade)
Enfatiza o	PROCESSO (progresso individual com referência no estado anteriormente apresentado, não valorizando tanto o resultado competitivo)	Início Fim	PROCESSO e o PRODUTO (progresso individual com referência no estado anteriormente apresentado, mas objetivando o resultado a longo prazo)
Resulta em	DIFUSÃO (difusão e disseminação do esporte como patrimônio cultural)	Início Fim	INOVAÇÃO e DIFUSÃO (as inovações técnicas e tecnológicas estão concentradas no final do processo e a difusão e disseminação do esporte como patrimônio cultural no processo todo)

Pela análise da tabela acima, podemos comprovar que as diferenças existentes entre estas duas teorias não são tão marcantes a ponto de as considerarmos antagônicas ou dicotômicas. De fato, elas existem, mas concentram-se no final do processo. Em seu início, praticamente não as notamos, podendo, até, apresentá-las, as teorias, sob a óptica do modelo físico configurado em 4.1:

Figura 4.1 Modelo físico das diferenças e semelhanças entre TLP e PIDE



A principal diferença encontrada é quanto aos objetivos dos processos. O TLP visa a concepção do atleta, a buscando no longo prazo por respeitar as fases de formação do praticante, maximizando assim seus resultados. A pedagogia da iniciação e desenvolvimento esportivo, não apresenta como alvo principal o futuro atleta, mas, sim, a constituição de um adulto preparado para a prática esportiva, tanto física e psicologicamente, quanto tática e tecnicamente, minimizando assim futuros problemas na saúde do corpo.

Este afastamento evidenciado no final do processo, se dá, principalmente, por esta diferença no resultado final esperado. Isso se nota não só na tabela acima, como no decorrer de todo este estudo. As metodologias propostas por ambas as teorias não se diferem de maneira significativa no decorrer das praticas. Fatores como divertimento, inclusão, respeito às fases do desenvolvimento do aluno, o comprometimento da especialização

precoce e do resultado no curto prazo, entre outros, aparecem nas duas teorias como necessárias em todo o processo.

Sendo assim, estas teorias não podem ser consideradas excludentes entre si. Ao contrário, se realizarmos uma sobreposição das metodologias, não considerando os escopos pretendidos, teremos reunidas atividades e práticas que suprem, com excelência, as necessidades daqueles que querem ser atletas e dos que anseiam pela prática esportiva ao longo da vida. O exemplo físico para esta sobreposição pode ser visto na figura 4.2

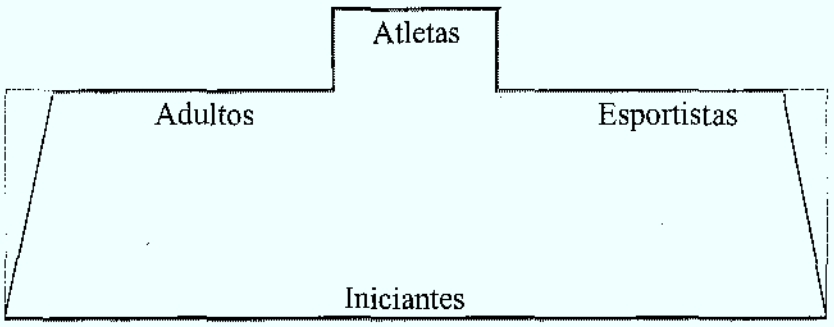


Figura 4.2 Sobreposição TLP e PIDE

Sendo assim, se o profissional desta área de atuação souber ser sensível e flexível com as pretensões pessoais de seus alunos, permitindo a estes escolherem qual tipo de prática esportiva conduzirão consigo pela vida, teremos então, a excelência nos resultados almejados, não mais a formação do atleta ou do adulto apto a práticas esportivas, mas, sim, o aproveitamento quase total dos praticantes, com seus sonhos e anseios cumpridos, tendo como desistentes apenas os personagens que naturalmente não se enamoram do esporte.

BIBLIOGRAFIA

- BENTO, J. O. *Para uma formação desportiva-corporal na escola*. Livros Horizonte, 1989.
- _____ A criança no treino e desporto de rendimento. *Revista Kineses,* Centro de Educação Física e Desportos, Santa Maria, v.5, n.1, jan/jul, 1989.
- BETTI, M. Cultura corporal e cultura esportiva. *Revista paulista de educação física,* São Paulo, v. 7, n. 2, 1997.
- BÖHME, M. T. S. O talento esportivo e o processo de treinamento longo prazo. In: ROSE JR., Dante De. *Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar.* Porto Alegre: Artmed Editora, 2002, p. 109-122.
- BOMPA, T. O. *Treinamento total para jovens campeões.* 1. Ed. brasileira. São Paulo: Manole, 2002.
- CASTELLANI F°, L. *Política educacional e educação física.* Campinas, São Paulo: Autores Associados, 1998.
- FERRAZ, O. L. O esporte, a criança e o adolescente: consensos e divergências. In: ROSE JR., Dante De. *Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar.* Porto Alegre: Artmed Editora, 2002, p.25-38.
- FISHER, N. Competitive sport's imitation of war: Imagining the completeness of virtue. *Journal of the philosophy of sports*, vol.39, p.16-37, 2002.
- FREIRE, J. B. *Pedagogia do futebol.* Londrina: Midiograf: Ney Pereira Editora, 1998.
- GOMES, A. C. *Treinamento desportivo: estruturação e periodização.* 1. ed. Porto Alegre:Artmed, 2002.

- GOMES, V.Q.; MONTAGNER, P.C. A competição como prática pedagógica da educação física escolar: Estudo de caso com o Handebol. IN: *II° Congresso científico latino-americano da FIEP-UNIMEP*, Piracicaba, SP, MOREIRA, W.W.; SIMÕES, R. p.384-390, 2002.
- KORSAKAS, P. O esporte infantil: as possibilidades de uma prática educativa. In: ROSE JR., Dante De. *Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar.* Porto Alegre: Artmed Editora, 2002, p. 39-49.
- KUNZ, E. *Transformação didático-pedagógica do esporte.* Ijuí-Unijui, 1994, p. 43-56.
- MARTINS, G. A.; LINTZ. A. *Guia para elaboração de monografias e trabalhos de conclusão de curso.* 2.ed. São Paulo: Atlas,1994
- MONTAGNER, P. C. *Esporte de competição X educação: o caso do basquetebol.* Piracicaba – São Paulo, 1993. Tese (Mestrado) – UNIMEP, 1993.
- _____ *Esporte, marketing e pedagogia: reflexões introdutórias.* Coletâneas, Congresso Científico Latino Americano da FIEP/UNIMEP. Piracicaba, 2000,p. 404-408.
- _____; RODRIGUES, E. F. *Esporte espetáculo e sociedade: estudos preliminares sobre sua influência no âmbito escolar.* Campinas, Revista Conexões, v.1., n.1. 2003 (no prelo).
- _____ O esporte como linguagem universal e a importância de suas interfaces com a mídia para o desenvolvimento da pedagogia do esporte. Campinas, *Revista Conexões*, v.1., n.1. 2004 (no prelo).

- MONTAGNER, P. C.; SCAGLIA, A. J.; SOUZA, A. J. Pedagogia da competição em esportes: Da teoria para uma proposta de sistematização na escola. Brasília, *Revista Motus Corporis*, vol. 8, pp. 20-31, 2001.
- PAES, R. R. A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. In: ROSE JR., Dante De. *Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar.* Porto Alegre: Artmed Editora, 2002, p.89-98.
- _____ Esporte educacional: iniciação esportiva. In: *Esporte educacional: uma proposta renovada.* Org. César A. Barbieri...[et. al.]; Ari F. Bittar...[et. al.], Recife: UPE-ESEF/MEE/INDESP, 1996.(pp. 84 a 86)
- ROSE JR., D.D. A criança, o jovem e a competição esportiva: considerações gerais. In: ROSE JR., Dante De. *Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar.* Porto Alegre: Artmed Editora, 2002, p. 67-76.
- SIMÕES, A. C. A psicossociologia do vínculo esporte – adultos – crianças e adolescentes: Análise das influencias. In: ROSE JR., Dante De. *Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar.* Porto Alegre: Artmed Editora, 2002, p.51-66.
- TANI, G. & MANOEL, E. de J. Esporte, educação física e educação física escolar. In: A. Gaya, A. Marques & G. Tani (Orgs.), *Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades.* Porto Alegre: UFRGS Editora, 2004.